

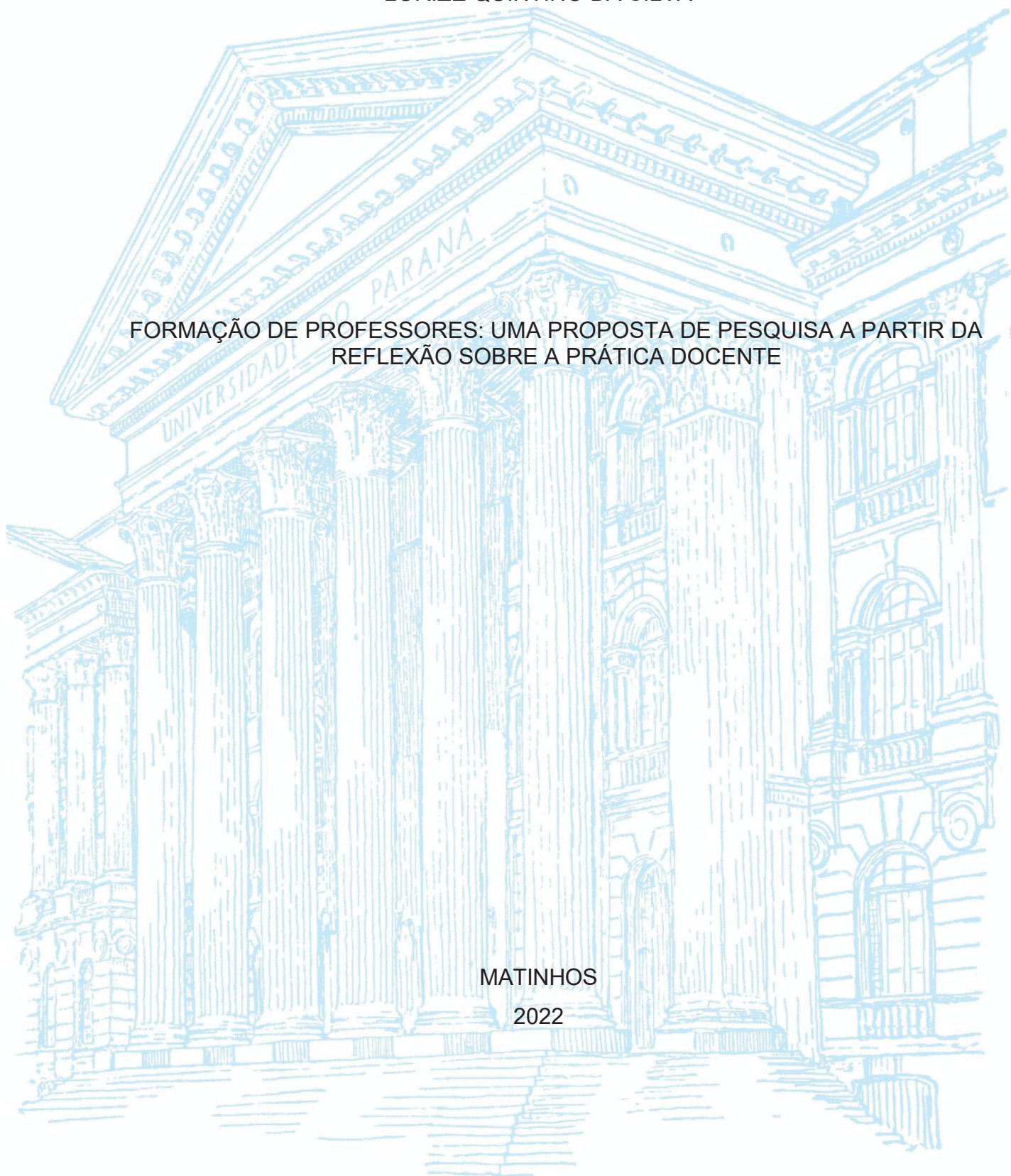
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORIZE QUINTINO DA SILVA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE PESQUISA A PARTIR DA
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

MATINHOS

2022



LORIZE QUINTINO DA SILVA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE PESQUISA A
PARTIR DA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francéli Brizolla

MATINHOS

2022

AGRADECIMENTOS

Gratidão pela jornada e pela pessoa que me tornei na trajetória, na busca por completar minha incompletude, meu inacabado, meu vir a ser. É assim que quero começar esse trabalho de conclusão do curso de Especialização em Alternativas para a Nova Educação - ANE.

Sou grata por estar em uma universidade pública federal, que defende de forma aguerrida a continuidade da oferta de uma educação pública, gratuita e de qualidade para a o povo. Grata por ter conhecido a Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e toda a boniteza que ela traz em artes e intervenções nas paredes e em seus jardins, mas, sobretudo, pelas pessoas que lá se encontram e que acreditam que uma outra forma de ensinar - aprender no ensino superior é possível.

Agradecer por estudar na UFPR Setor litoral é muito significativo e ajuda a explicar o projeto que atuei nas ações da ANE, o CMEI Sininho Dourado onde leciono, pois é o fato de ter vivido a experiência de um ensino superior de qualidade que me impulsiona e motiva a luta e a prática docente partindo de uma reflexão para melhorar a formação de professores .

Agradeço por tantas mulheres maravilhosas que encontrei nas aulas e espaços da ANE, entre colegas de turma, professoras e convidadas. Entre elas, destaco a Prof.^a Francéli e a Prof.^a Mila que me inspiram com suas trajetórias e potências de vida e me orientaram para conseguir sistematizar meu projeto.

Aproveito para agradecer aos meus alunos, as educadoras, coordenação e direção do Cmei Sininho Dourado por terem acreditado em meu trabalho e comprado a ideia de executá-lo .

No nível mais pessoal, sou muito grata a minha família, e amigos pela força, carinho e pelo cuidado nos momentos mais difíceis. A minha mãe, Azuri, muito

obrigada por ser essa vovó incrível.

Agradeço também as minhas amigas Sara e Marcia que durante todo o decorrer do projeto estavam ao meu lado nas execução das atividades, saibam que de alguma forma vocês contribuíram para que as vivências da ANE fizessem ainda mais sentido em minha trajetória.

Por fim, sou grata ao meu filho Ricardo e aos desafios e sutilezas que ele trouxe. Buscar Alternativas para a Nova Educação tem muito do meu desejo para que você e muitas outras crianças encontrem através da educação uma ferramenta de transformação e intervenção no mundo. Que você seja uma das sementes crioulas de esperança para que outro mundo seja, de fato, possível.

*Ninguém nasce feito, é
experimentando-nos no mundo que
nós nos fazemos.*
(Paulo Freire)

RESUMO

O memorial a seguir faz parte da sistematização das atividades que participei na terceira turma da Especialização em Alternativas para a Nova Educação. O texto está organizado em três capítulos centrais, o primeiro voltado a aspectos de minha trajetória de vida antes de ingressar na especialização, o segundo voltado para relatar as vivências promovidas pela ANE que participei e, por fim, o terceiro momento voltado a relatar minha experiência enquanto educadora infantil do Cmei Sininho Dourado. Para tal, utilizo imagens que retratam esse processo e dialogo com autores como Paulo Freire (1996) (2014) e Celso Vasconcellos e também discorro sobre a formação continuada de professores, a realidade dos professores e o modo como lutar pela prática docente. Por fim, compartilho parte das atividades que ocorreram no ano de 2022 no Cmei, os desafios, as conquistas desse processo de construção de alternativas para a nova educação.

Palavras-chave: Alternativas para uma Nova Educação; formação de professores; formação continuada.

ABSTRACT

The following memorial is part of the systematization of the activities that I participated in the third group of the Specialization in Alternatives for New Education. The text is organized into three central chapters, the first focused on aspects of my life trajectory before joining the specialization, the second focused on reporting the experiences promoted by the ANE that I participated in and, finally, the third moment focused on reporting my experience as a child educator at Cmei Sininho Dourado. To this end, I use images that depict this process and dialogue with authors such as Paulo Freire (1996) (2014) and Celso Vasconcellos and also discuss the continuing education of teachers, the reality of teachers and the way to fight for teaching practice . Finally, I share part of the activities that took place in 2022 at Cmei, the challenges, the achievements of this process of building alternatives for the new education.

Keywords: Alternatives for a New Education; teacher training; continuing education.

1	INTRODUÇÃO	12
2	MEMÓRIAS DE VIDA, PORQUE VIVER SEM CONHECER O PASSADO É COMO VIVER NO ESCURO.....	14
3	TRAJETÓRIA ANEANA	18
3.1	ENCONTROS MENSAIS DA ANE	20
3.1.1	Quem Somos?	20
3.1.2	O que é a ANE?	21
3.2	Formação De Professores: Uma Proposta De Pesquisa A Partir Da Reflexão Sobre A Prática Docente	27
3.3	TEMPOS DE FECHAMENTO, SÍNTESES E REENCONTROS: A IV	
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O texto a seguir é uma forma de compartilhar a intensidade que as vivências e reflexões que o curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral me propiciou ao longo do ano de 2021 e 2022 e também socializar minha atuação junto ao Cmei Sininho Dourado, como educadora infantil. Diferente de outros trabalhos de conclusão de curso tradicionais, tivemos o desafio de estruturar no formato de memorial nossos encontros, reuniões e participações em diferentes projetos.

Pedagoga de formação, muito me encantou a possibilidade de não apenas falar de Alternativas para a Nova Educação, mas viver, compartilhar e sonhar com caminhos que extrapolam a educação tradicional.

Com o objetivo de sistematizar o memorial e organizar o relato, o trabalho está dividido em três capítulos centrais, a saber: Memórias de vida, porque viversem conhecer o passado é como viver no escuro, onde compartilho minha trajetória de vida e os caminhos que me levam a UFPR Litoral para cursar a ANE; Trajetórias ANEanas, onde compartilho e descrevo os encontros mensais da ANE, as ações que participei ao longo da especialização e os espaços que fui convidada a participar em projetos de meus colegas. Além disso, descrevo um pouco do cotidiano, da vivência e das práticas desenvolvidas com base na educação infantil dentro do contexto de um Cmei municipal.

Além desses três capítulos, ao final encontram-se as considerações, inquietações e perspectivas que despontam nesse horizonte que é pensar, experienciar e construir Alternativas para a Nova Educação. Como principais autores com quem dialogo durante a escrita estão Paulo Freire (1996, 2014), Celso Vasconcellos e Helena Singer e suas provocações para pensar e fazer uma educação como prática de liberdade.

2 MEMÓRIAS DE VIDA, PORQUE VIVER SEM CONHECER O PASSADO É COMO VIVER NO ESCURO

Somos frutos de um tempo, um lugar e um momento histórico. Enfraquecer raízes históricas e culturais e apagar nossas memórias são formas de nos desligar do lastro de ancestralidade que nos precede e nos acompanha, sussurrando visões de mundo e possibilidades. É uma forma de esvaziar quem somos para preencher aquele vazio com interpretações alheias sobre a vida e o mundo.

Desta forma, para começar este capítulo, gostaria de compartilhar minha história de vida, de onde venho e quais fios tecem minha trajetória, minha preferência política, o interesse por Alternativas para a Nova Educação e a luta por transformações sociais através da educação.

Nasci no dia 11 de Janeiro 1983, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná sou a filha mais velha de quatro irmãs: Lorize, Aloise, Doane (in memoriam) e Natalia, porém sempre residi em Matinhos. Venho de uma família com raízes caiçaras, fui criada com muita humildade e dignidade, Serei eternamente grata aos meus pais pelos valores aos quais me passaram e. Por isso trago comigo muito respeito e admiração pelas histórias deixadas pelos meus antepassados.

Compartilho abaixo o registro (FIGURA 01) que possuo, meus pais, pois acredito que pode ajudar a ilustrar e caracterizar a família que faço parte.

FIGURA 01: REGISTRO FOTOGRÁFICO DE MINHAS ORIGENS – PAI E MÃE (2013)
FONTE: acervo pessoal.



Até os sete anos de idade ingressei na escola, sempre frequentei escola publica, tenho comigo lembranças maravilhosas de minha infancia , assim como de minha trajetoria escolar .

Azuri, minha mãe, sempre foi do lar para se dedicar a casa e aos cuidados dos filhos, Anisio, meu pai (in memoriam), era funcionario publico .

Conforme fui crescendo, tomei consciência e percebendo que, por ser a filha mais velha podia ajudar nas despensas da casa, postato aos 13 anos tive meu primeiro emprego em um supermercado. Aos 17 anos conclui o ensino medio, e por compor família pobre, sabia que cursar uma universidade privada não estaria nos meus planos e que havia a necessidade de intensificar os estudos para conseguir um bom desempenho. Portanto somente aos 26 anos ingressei na universidade onde conclui o curso de Pedagogia na Unespar (Universidade Estadual do Parana) no ano de 2012.

O ano de 2007 foi marcado pela melhor graça que recebi em minha vida, me tornei mãe de um lindo menino, o qual recebeu o nome de Ricardo e tenho muito orgulho em sua mãe. Hoje o Ricardo ja e um adolescente muito dedicado aos estudos e adora praticar esportes.

FIGURA 02 Ricardo com 02 meses



Figura 3 Ricardo com 15anos



No ano de 2013 fui chamada para lecionar na rede de ensino publica do municipio de Matinhos, para a função de educadora onde estou ate os dias atuais.

Nos anos de 2017 e 2019 tive os piores momentos da minha vida, em 2017 minha irmã Doane (in memoriam) faleceu de uma maneira muito tragica e repentina, ja em 2019 exatamente no dia 11 de janeiro, dia esse eu que eu estava completando 36 anos perdi a pessoa mais importante da minha vida, meu pai Anisio (in memoriam).

FIGURA 03: FORMATURA PEDAGOGIA UNESPAR 2013.



Com o diploma de licenciada, resolvi que faria uma especialização e no ano de 2017 me inscrevi no Curso de Especialização em Questão Social, pela UFPR setor Litoral, não parei por ai, em 2019 conclui a pos graduação de Educação especial e neuropedagogia, em 2020 entrei para a terceira turma da Ane (Alternativas para Nova Educação), curso esse no qual eu saio totalmente transformada como educadora, em 2021 coemcei a cursar o curso de Espelização em Educação Infantil irei conclui ao termino desse ano (2022).

FIGURA 04: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL 2019.



3 TRAJETÓRIA ANEANA

Pouco conhecimento faz com que as pessoas se sintam orgulhosas. Muito conhecimento, que se sintam humildes. É assim que as espigas sem grãos erguem desdenhosamente a cabeça para o céu, enquanto que as cheias as baixam para a terra, sua mãe.
Leonardo da Vinci

Como disse anteriormente, por algum tempo após formada decidi que faria uma especialização, e meu sonho sempre foi cursar algo na UFPR/LITORAL, ao ver o edital aberto, fui logo realizaer minha inscrição para a Especialização em Questão Social, durate o curso, me deparei com outro edital aberto, dets vez era para segunda turma da ANE, como estava cursando Questão Social, esperei o proximo edital pra que pudesse me inscrever , e assim aconteceu.

Como educadora , sei da necessidade da formação continuada a partir de uma reflexão da nossa pratica docente, e ao ingressar a terceira turma da ANE tive a certeza de que foi a melhor escolha que podia ter feito para miha trajetoria educacional.

Experenciar esse processo de objetificação docente e ver a reprodução desse processo em colegas e amigos de profissão despertou a necessidade de procurar alternativas que nos tirassem da condição de objetos e nos provocassem para a posição de sujeitos, como afirma Paulo Freire (2014), em Educação como Prática de Liberdade. Para o autor, procurar alternativas é tomar consciência, e tomar consciência exige um compromisso ético com a ação e com uma prática de transformação social através da educação.

Os efeitos dessa objetificação nas experiências de trabalho e a conjuntura política de nosso país para a educação tornam-se, então, dois motivos para retornar à universidade. Quero dizer de sair de nossa zona de conforto e viver outras experiências possíveis, pois a viagem nessa trajetória docente nunca acaba e é preciso recomeçar a viagem sempre.

Logo, recomeçar uma viagem ancorada na UFPR Litoral via ANE foi um profundo processo resignificar a universidade e o modo como podemos fazer ensino, pesquisa e extensão acreditando que a educação é uma forma de intervir e transformar o mundo. Como eu não era professora da rede pública de ensino básico, ao me inscrever no processo seletivo da especialização, tinha poucas certezas sobre se seria ou não chamada para compor a segunda turma da ANE. Além disso, acabava de voltar a trabalhar após minha licença maternidade e ao me inscrever senti

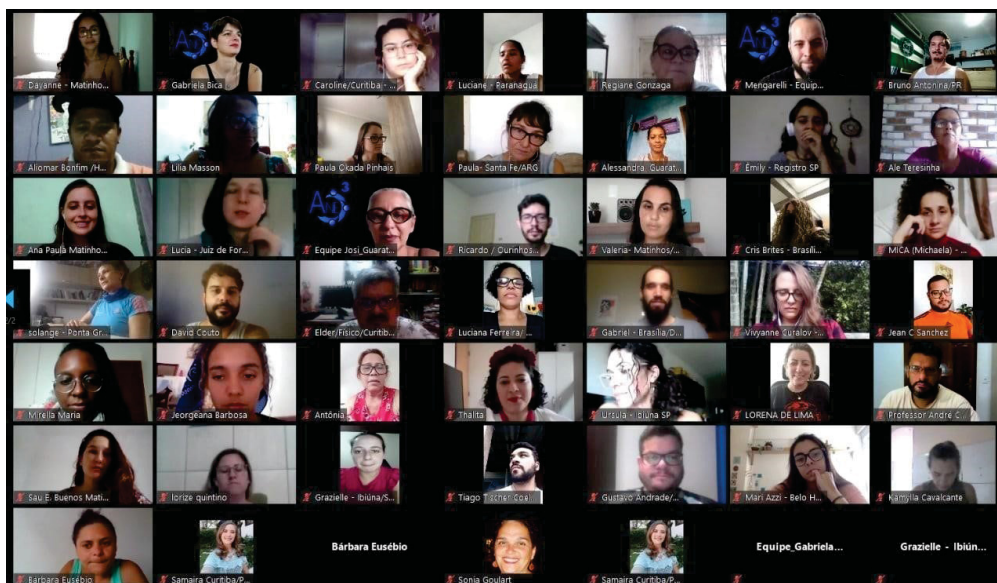
que realmente precisava reaprender a estar na universidade e fazer da especialização um dos caminhos para lidar com as angústias e dificuldades que eu vivia enquanto professora na escola.

Nesse ponto, considero muito que voltar a universidade e refletir sobre alternativas para a nova educação é o que Celso Vasconcellos afirma sobre os desafios da prática docente a partir de uma reflexão: “A formação dos educadores é uma demanda constante. Se a formação ao longo da vida é, em função dos avanços teóricos e práticos, uma exigência em qualquer campo profissional no caso dos educadores de profissão”.

Além dela, percebo que essa caminhada junto a ANE é também reafirmar o que Paulo Freire (2014) aponta quando diz que “só na convicção permanente do inacabado pode encontrar o homem e as sociedades o sentido da esperança” (p. 72), e é por essa convicção que percebo o quanto tenho que avançar em minha prática e o quão necessário é a esperança e a possibilidade do novo, não com um olhar ingênuo, mas pautado por um otimismo crítico. Segue, então, um pouco de minhas percepções sobre os encontros e vivências oportunizadas pela ANE.

Durante as atividades letivas da ANE os momentos foram divididos entre encontro mensais e vivências fora do espaço da universidade, porém os encontros não puderam acontecer presencialmente devido a pandemia que estávamos passando. O foco central era oferecer aulas comuns a todos da especialização, mas também oportunizar que os nós, educandos, pudessemos escolher as vivências e espaços que dialogassem com nossos projetos e que, ao final, na V CONANE Caiçara houvesse uma socialização dos projetos desenvolvidos por todos, em seus diferentes eixos, bem como um encontro para que todos pudessem se cohecer pessoalmente pois devido a pandemia todos os encontros ocorreram de forma online.

Desta forma, divido o capítulo a seguir em três partes: a primeira parte voltada a relatar os encontros mensais da ANE e suas dinâmicas, a segunda para as vivências extra-classe com apresentação e aplicação do projeto que desenvolvi em meu local de trabalho ANE onde sistematizo as vivências mais gerais do, e a terceira parte voltada para como fechamos este ciclo aneano, com o relato da V CONANE Caiçara, que encerrou as atividades da III turma de ANE.



3.1 ENCONTROS MENSIAIS DA ANE

Durante o ano de 2021 e 2022 na ANE houveram os encontros mensais na ANE via meet, devido a pandemia que nosso país enfrentava durante esse periodo que ocorreram quase em sua totalidade no primeiro sábado de cada mês, resolvi relatar a seguir um pouco da vivênciadesses encontros aneanos.

3.1.1 Encontros mensais: - Quem Somos?

A primeira aula da terceira turma de especialização em Alternativas para a Nova Educação começou em um sábado, de forma on line.

O objetivo da especialização compartilhado neste primeiro encontro era o desafio de construir alternativas para uma mudança educacional não hegemônica. Que grande desafio! E para começá-lo, nos colocamos para ouvir as trajetórias de vida e as expectativas de nossos colegas de turma com a especialização, com suas profissões e com a educação.

Haviam varios estudantes, sobretudo mulheres, compartilhando que caminhos os traziam para o espaço da ANE.

O resultado foi amplo horizonte de inserções e ao longo do curso essa primeira apresentação iria nos ajudar a situar pessoas, inserções e temáticas e descobrir maneiras de contruir redes, nós, enredar a ANE. Criar vínculos, amizades, trabalho coletivo e aproximações na prática. Cada um de nós teve um espaço para se apresentar e fazer conhecer. O grupo era grande, diverso, e a atividade, mesmo que extensa, foi importante para saber com quem podíamos contar e construir a turma. Segue abaixo alguns registros dos encontros.

3.1.3 O que é a ANE?

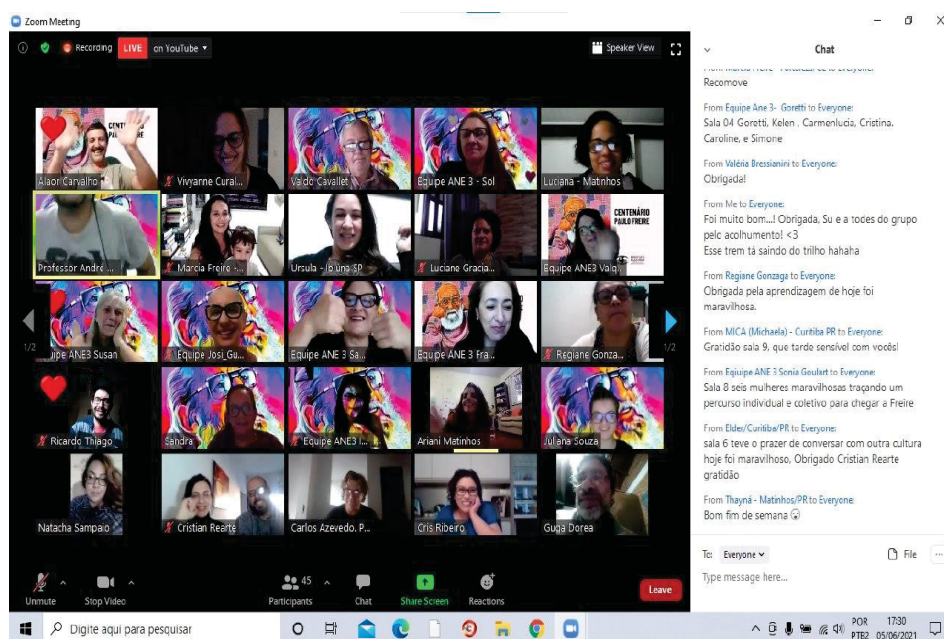
Os encontros mensais serviram para conversar em grupos menores, gerar trocas de experiências e discutir o calendário de atividades, ao sinalizar as próximas ações da ANE previstas, como o desenvolvimento do projeto que um iria desenvolver. Os encontros forma muitos ricos e produtivos, em alguns deles fomos agraciados com a participação de varios educadores, como : Celso Vasconcellos, Helena Singer, entre outros.

O mês de setembro do ano de 2021 foi um momento bem importante para todos nos educadores, tivemos um encontro voltado somente para o centenario de Paulo Freire. Como foi importante esse momento para minha pratica docente, seu legado para educação brasileira perpetuam ate hoje, pois seus ensinamentos são aplicados em escolas e universidades que usam a sala de aula como mecanismo de transformação social.

Diversos ensinamentos de Paulo Freire são considerados pertinentes e atuais por professores, como: a compreensão da realidade dos alunos, com empatia, dialogo e trocas de conhecimento; a importancia da alfabetização dos adultos, a principal dedicação de Paulo Freire e com formação de individuos criticos, com a finalidade de acabar com a alienação.

A concepção de uma educação tradicional não nos serve mais porque é tempo de aprofundar a fase de transição que o nosso país vivia, é tempo de combater desigualdades sociais, de justiça social e é tempo de disputar imaginários e compreensões de vida que possam superar o capitalismo, criar diálogo e formas de aprofundar a participação popular democrática. Crianças são ameaças eminentes de novas possibilidades e é por elas, por imaginar um outro futuro, que vejo a necessidade de redimensionar o que já sabemos para abrir espaço para que possamos integrar e criar junto com elas outras possibilidades de ensinar e aprender, não objetificando o outro, mas vendo no outro um igual- sujeito, que juntos se integram, se humanizam e permitem construir novos mapas, horizontes e caminhos.

Algumas perguntas reflexivas eram postas para nós. Perguntas como o quais são os elementos óbvios e não óbvios da ANE? Qual é a função da escola? Como transformar ideias em práticas? E essas perguntas eram provocativas porque nós estudantes conhecemos nossa realidade e os cenários desfavoráveis, e onde frases como não dá e que não pode são as respostas prontas para as práticas inovadoras.



Para concluir as reflexões da aula, depois das discussões sobre o calendário de atividades, foi destacada a importância que os sentimentos possuem no percurso de mudanças que envolvem construir alternativas para a nova educação e sobre quanto o momento que estávamos vivendo enquanto educadores no Brasil exigia- e continua a exigir- de nós resistência, resiliência e persistência. Exige a luta em defesa dos direitos dos educadores e de uma educação de qualidade para o país. E como Paulo Freire afirma no livro *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 67), a minha resposta à ofensa à educação é minha luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores.

Uma das características que mais me encantou em minha trajetória da ANE é que ela é experiencial. Ou seja, ela é para teorizar, mas também é para sentir, ver, tocar, abraçar, comer, encontrar, sorrir e chorar. Em cada uma das atividades em grupo havia um novo desafio a ser concluído coletivamente, de distintas formas, mesmo de forma remota. Algumas mais rápidas, outras mais lentas. Como um grande rodízio, íamos experimentando as salas virtuais e já imaginando como aplicar em sala, na escola e nos demais espaços que compomos.

Contudo, Paulo Freire, em seus escritos nos provoca a não somente pensar na denúncia das condições que nos desafiam, mas a fazer um anúncio, do que pode ser feito. Logo, este mesmo encontro também serviu para mapear nossas forças, como a resistência, a persistência, a força coletiva e a necessidade de mudança. Elencamos nessa perspectiva de anunciar os sentimentos, e atitudes que contribuem com as relações e a transformação, e talvez esse seja o aspecto de maior potência dentro da ANE.

O que temos de mais forte é justamente a força da união e do propósito, a

coletividade, a solidariedade e a cooperação entre os colegas, tecendo e fortalecendo possibilidades do novo. Além da força, podemos citar a confiança na rede de apoio, o esperar e ver através do trabalho dos demais colegas força para seguir meus próprios projetos.

Em março iniciamos os trabalhos da ANE 2022 e começamos através do diálogo sobre cronograma de trabalho tanto de 2021, como das atividades que ainda aconteceriam no decorrer do ano. Havia uma tarefa de casa para ter sido feita nas férias, que era a elaboração do projeto a ser desenvolvido individualmente na ANE ao longo do ano de 2022. Confesso que tive alguma dificuldade em elaborar o meu projeto e decidir, de fato, o que eu faria como ação para a especialização. Ou seja, não coloquei no papel e sistematizei tão claramente o que era meu projeto.

Essa ação pontual se desdobrou em mais algumas atividades ao longo do primeiro semestre do ano, através de encontros com a mediadora onde fui tendo auxílio de como desenvolver e aplicar meu projeto.

Desta forma, quando fui para o próximo encontro mensal da ANE estava com essa perspectiva de atuação e de projeto, envolvendo uma reflexão a partir da prática docente dos educadores do Cmei Sininho Dourado, e partir dessa reflexão elaborar formações continuadas com temas apresentados pelos mesmos de acordo com as necessidades das demandas encontradas durante o ano letivo.

Aos poucos os participantes do meu grupo que é Coletivo Inclusivo colocaram quais caminhos utilizaram para transformar o que foi visto, lido e vivido no primeiro semestre da ANE em ações com base em suas diferentes realidades. Um dos pontos que chama atenção nesse sentido, ao ver a imagem acima e lembrar deste encontro é perceber a constante preocupação com uma harmonia das ações, de modo que o local considere e dialogue com outras escalas, como a regional e nacional.

Outro destaque é modo com os estudantes da ANE foram entrelaçando suas práticas e ações ao longo das atividades propostas. A última pergunta da atividade é justamente uma provocação neste sentido, para sermos empáticos, solidários e descobrir de que forma eu posso contribuir com os meus saberes no projeto de meu colega. São pequenos exercícios como esse que tornam possíveis ações como aquelas que compartilho mais adiante, quando trato de outros projetos que me envolvi via ANE.

Estar nesse encontro mensal foi importante para retomar e traçar meus caminhos individuais de ação e, ainda em tempo, fazer uma síntese do que eu esperava com o meu projeto da ANE.

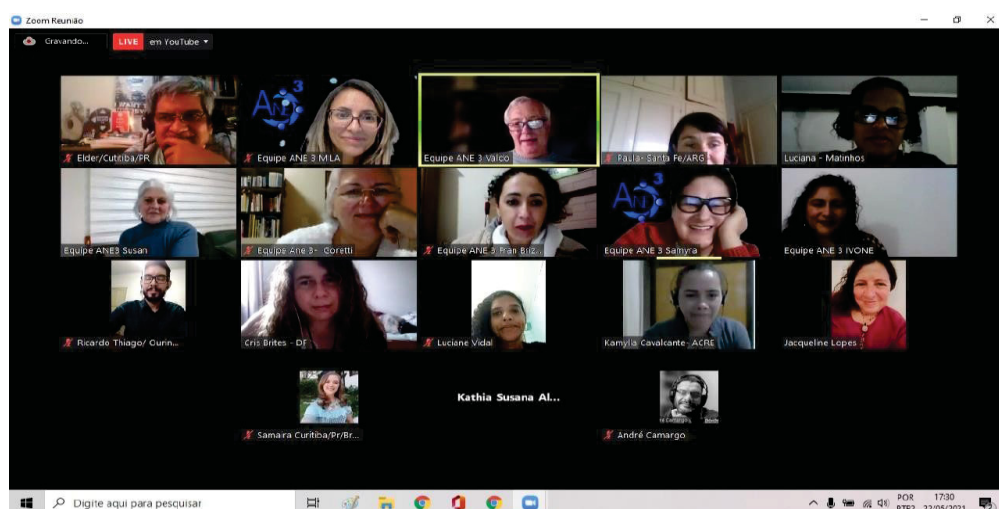
Nos demais encontros, destaco que o 8º encontro (04/05/2019) houve a

(des)formatura da I turma da ANE e ele foi um espaço de acolhida e trocas entre nós e os estudantes da turma anterior.

Os encontros mensais do segundo semestre de 2022 (do 10º ao 14º), diferente dos demais que os antecederam, tiveram dois enfoques centrais. O primeiro era a preocupação em encaminhar e viabilizar os projetos dos estudantes da turma, promovendo ações nas comunidades com base no conhecimento visto até então, ou seja, colocar a mão na massa e tornar concretas as alternativas para a nova educação. O segundo era caminhar para o fechamento das atividades da segunda turma na V CONANE Caiçara, em junho.

Retomando a narrativa sobre o segundo semestre de 2022, neste momento começamos então a produzir as versões mais sinceras e atualizadas dos projetos, com cronogramas e medindo o quanto seria possível ser feito. Houve aqui vários momentos durante os encontros da ANE para que nós pudessemos compartilhar em grupos menores, e para todo o coletivo, qual era a nossa proposta de projeto e, através dessa fala, aos poucos os colegas iam percebendo como poderiam ajudar de alguma forma os projetos apresentados, ou sugerir ideias, práticas, parcerias, vínculos e força para concretizar as ações do projeto do outro.

Por fim, para finalizar o relato sobre os encontros mensais destaco o processo de construção da V CONANE a atuação do grupo anfitriões CONANE Caiçara e a forma como nós, estudantes, nos organizamos para pensar e organizar o fechamento das atividades da turma. Uma das principais dificuldades que percebemos foi o cenário de incertezas que vivemos devido aos encontros todos terem acontecidos de forma remota, portanto esse seria o nosso grande momento de estarmos todos juntos presencialmente.



As discussões e sistematizações começaram presencialmente para definir programação da V Conane, e os encontro com o grande grupo seguiram virtuais via grupo de WhastApp e meet. Este processo de construção foi bastante rico por que

envolveu diferentes propostas de trabalho com os demais colegas, em diferentes contextos, desde a escola formal com diferentes metodologias, com a aprendizagem por projetos. Contextos e atuações envolvendo a diversidade de demandas do atual cenário da educação que tiveram um momento de encontro e fala durante a V CONANE Caiçara.

Mais uma das particularidades desta especialização da UFPR Litoral é que ela, baseada em três princípios norteadores (solidariedade, responsabilidade e autonomia) permite que nós, estudantes, tornemos singular a nossa trajetória em construir Alternativas para a Nova Educação. Com isso quero dizer que os tantos memoriais produzidos pela turma, além de contarem os projetos próprios dos autores, contam também de escolhas feitas por eles e das suas possibilidades em conhecer outras experiências de seu interesse.

Ou seja, é dizer que a tivemos formalmente os encontros mensais como obrigatórios, mas que houveram vivências em projetos educativos que também eram necessários em nossa formação e que ficava a cargo e a disponibilidade dos estudantes irem às atividades destes projetos.

3.2 Formação De Professores: Uma Proposta De Pesquisa A Partir Da Reflexão Sobre A Prática Docente

Logo no começo das atividades da especialização criei um vínculo com a Prof. Fran através dele conversamos diretamente sobre a elaboração do meu projeto, das dificuldades e das bonitezas dentro e fora da sala de aula, ela, enquanto professora de Educação Especial foi de extrema importância suas contribuições para a realização do mesmo.

Exige sermos sujeitos de nossa própria história, como diria Paulo Freire. Exige ética, consciência e amorosidade. Exige resistência e invenção de caminhos possíveis. E é justamente essa a semente que o Projeto Formação De Professores: Uma Proposta De Pesquisa A Partir Da Reflexão Sobre A Prática Docente traz para quem com ele se envolve, uma experiência pedagógica para dar ânimo e alento a educadores e educandos. Partindo de reflexões sobre o papel do professor na atualidade, este projeto tem como objetivo traçar o perfil profissional do educador infantil do Cmei Sininho Dourado do município de Matinhos- PR, por meio de suas práticas docentes, habilidades, competências e sobre o seu processo de formação profissional, suas limitações, seu bem estar e satisfação profissional, bem como a discussão de pressupostos metodológicos que possam enriquecer nas ações de educação inicial e continuada de professores, partindo do seu contexto de trabalho, consequentemente surge a necessidade de discussão de novas estratégias de ensino e de recursos didáticos.

Nesse sentido, uma questão preocupante é o significado do ensinar e do aprender e as implicações para as estratégias de ensino adotadas pelos professores. A dissociação entre o ensinar e o aprender está presente tanto no discurso cotidiano como em teorias sobre a aprendizagem e sobre o desenvolvimento. Com base nas discussões propõem – se que sejam identificados as dificuldades encontradas pelos professores para que sejam os enfocados em ações de formação continuada.

Diante dos objetivos propostos neste projeto, compreende-se que há a necessidade de aplicar um questionário onde cada educadora possa expressar quais suas dificuldades e com vista a melhorar o processo de ensino aprendizagem do educando, para que a partir desse ponto podemos subsidiar o corpo docente na elaboração e implementação de novas práticas, propondo alternativas metodológicas a partir de reflexões coletivas, bem como promover encontros e reuniões com temas relevantes identificados a partir da observação e análise da realidade escolar que efetivem a proposta pedagógica da escola - reunião pedagógica.

Com base nos dados elencados elaborar um plano de ação com encontros que serão executados durante o ano letivo de 2022 no próprio Cmei a tentativa de buscar sanar as dificuldades do corpo docente. Também se procura inovar quando se apresenta um produto desse processo de formação, um relatório de trabalhos projetados para realizá-lo no cmei, incluindo o projeto de atuação, que pode ser analisado e compartilhado pelos demais CMEIS. O processo de confecção deste produto também é inovador, uma vez que permite concretizar as diretrizes traçadas para o Ensino da Educação Infantil, além de incluir novas formas de atuação/colaboração/comunicação entre os educadores. Finalmente, a proposta também inova ao desenvolver as atividades dentro do próprio CMEI, explorando ao máximo os diversos recursos que estão à disposição do professor, mas que nem sempre são utilizadas ou, quando o são, de forma parcial ou desarticulada de seus objetivos.

Ao apresentar o projeto para a equipe pedagógica do Cmei onde atuo, a direção concordou que eu devia aplicar o mesmo, e assim fiz a apresentação do projeto para a equipe, todas minhas colegas aceitaram em participar com o intuito de que nesse sentido, uma questão preocupante é o significado do ensinar e do aprender e as implicações para as estratégias de ensino adotadas pelos professores.



Em nosso primeiro encontro definimos quais seriam os temas mais pertinentes em nosso cotidiano e que devemos trazer para nossas formações. Os temas dos encontros foram :

- INTERPESSOAIS FAMILIA X ESCOLA
- INCLUSÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
- AVALIAÇÃO E REGISTROS DE ATIVIDADE
- TRABALHO POR PROJETOS: **atividade de campo.**

Nossa primeira atividade campo realizada com os alunos da turma pre I b foi: **AQUI O MOSQUITO NÃO ENTRA!**

OBJETIVOS: conhecer os sintomas e riscos **da dengue**; reconhecer o perigo de deixar a água parada; incentivar que, juntamente com sua família, a **criança** faça uma limpeza em seu lar e quintal, verificando focos de mosquitos em água parada em pneus, garrafas, varolização e preservação da natureza, conscientização da comunidade local.

Realizamos ações dentro e fora da escola, em sala de aula realizamos atividades pedagógicas para que os alunos pudessem compartilhar com suas famílias e comunidade o conhecimento adquirido durante as aulas, com a comunidade e as famílias realizamos trabalhos de conscientização e limpeza dos ruas e espaços públicos . As saídas eram realizadas entre 2 ou 3 vezes na semana, o projeto foi desenvolvido até o mês junho, no início somente minha turma estava participando desse projeto, com o passar do tempo e a comunidade local estar bem envolvida, todas as demais turmas do Cmei participaram do projeto. A escolha desse tema deu-

se através de uma campanha desenvolvida pelo Sesc (**Serviço Social do Comércio**) estava aplicando em todo Estado do Paraná entre as instituições de ensino. A Campanha de Combate à Dengue tem o objetivo de fortalecer a consciência social sobre o enfrentamento à doença, esta que acomete tantos Paranaenses. Através de uma competição saudável, a disputa tem a intenção de diminuir os casos da doença no Estado por meio da eliminação dos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor da Dengue. A campanha foi um sucesso, o índice de casos de dengue em nosso foi baixando a cada ação desenvolvida com a comunidade. Ao término da campanha tivemos nossa maior recompensa, o CMEI ficou em 2º em todo o estado. E ainda continuamos com as visitas na comunidade, e possível perceber que a organização dos moradores mudou muito para a limpeza das ruas.

3.3 TEMPOS DE FECHAMENTO, SÍNTESES E REENCONTROS: A V CONANE CAIÇARA E OS CAMINHOS QUE DESPONTAM

Para finalizar a narrativa de minhas vivências mais diretas com a ANE e enfim compartilhar o que foi meu projeto no capítulo a seguir, é importante pontuar o que foi participar da V CONANE Caiçara e perceber de que forma ela sintetiza e fecha esse ciclo da III turma da especialização. No primeiro item desse capítulo descrevi um pouco do planejamento prévio da CONANE, pois ajudei um pouco na organização. Agora, diferente daquele momento que antecedeu a programação, quero compartilhar o que vivenciei dos demais eixos e propostas durante a CONANE,

Desta forma, chegamos a junho de 2022, mais precisamente os dias 23, 24 e 25 de junho que foram os dias do encontro. Particularmente, estava bastante ansiosa ao longo da semana, pois não conhecia a maioria dos participantes da turma e também por conta de meus alunos (05 anos) irem juntos para apresentar um musical.

No primeiro dia do encontro, quinta-feira, foi muito espetacular, conheci pessoalmente alguns dos colegas de turma, e assisti as apresentações do dia, visitei os painéis de colegas que estavam no vão entre blocos, e degustei um pastel maravilhoso dos amigos feirantes que ali estavam expondo seus produtos. Na sexta-feira de manhã, que começou ensolarada, segui rumo a UFPR Litoral com entusiasmo, sabendo o quão importante seria aquele dia, tanto para meus colegas de ANE, quanto para os meus alunos do CMEI, quanto para mim.

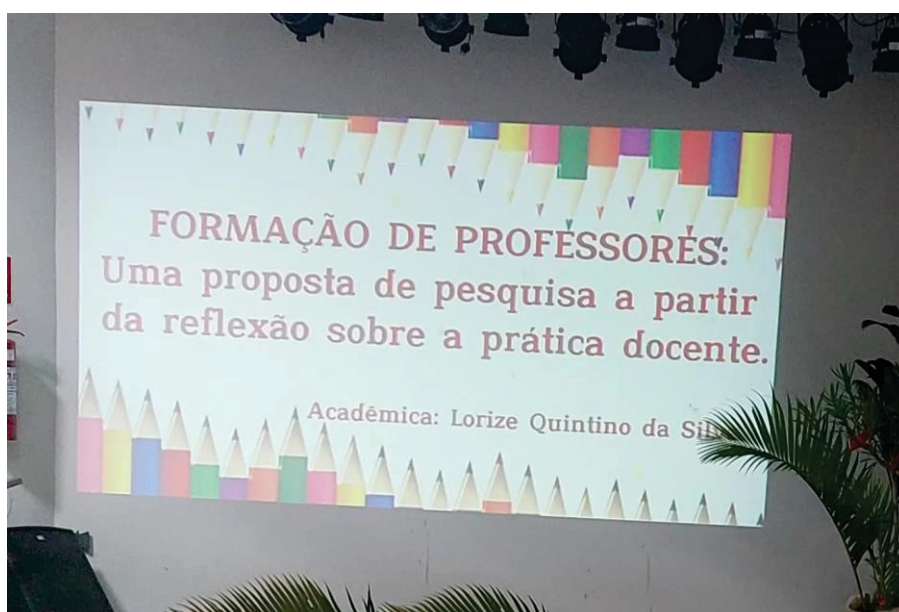
Ao chegar no espaço, percebi que eles estavam diferentes de nosso cotidiano de sábado, mais vivos, com mais pessoas circulando e com uma agitação de quem está alegre, com dobraduras de guaras enfeitando o hall de entrada, tudo feito com

bastante carinho e cuidado pela equipe, mesmo nas pequenas coisas.

Logo de manhã apresentei meu projeto, e não poderia ter uma plateia melhor do que minhas colegas de trabalho juntamente com meus alunos. No período da tarde apresentamos um musical sobre os cuidados que devemos ter com a natureza, foi muito lindo ver meus pequenos deixarem suas marcas na Conane.



Ao final da tarde, recepcionei os estudantes do Cmei e os acompanhei durante as oficinas da Conane Caiçarina, sendo que neste período desenvolvemos as atividades que estavam descritas no cronograma.



Após a sistematização das vivências nos projetos, dos encontros mensais e a V CONANE percebo o quanto nós, estudantes da turma 2021/22, conseguimos aprender-ensinar ao longo dos meses e o quanto o que aprendemos se reflete em nossas propostas de ações com os educandos. Diferente de outras formas de ensino, não esperamos a conclusão do curso de especialização para rever a nós mesmos e a nossa prática do ensinar, mas pelo contrário, refletimos e nos modificamos na medida em que o conhecimento visto gera tomada de consciência e nos expõe outras possibilidades de sermos educadores.

Com meus colegas, pude perceber diferentes caminhos de construção coletiva, de organização popular e de inserção social. Ombro a ombro, planejamos as atividades relatadas acima de modo a ir de encontro as necessidades que cada um dos projetos demandava. Foi muito gratificante ajudar, mesmo que de maneira pontual, tornar realidade o que meus colegas sonharam como uma alternativas para a nova educação.

4



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar neste momento final do memorial gostaria de começar apontando o quanto foi pedagógico parar e refletir sobre minha trajetória e as motivações que me impulsionam enquanto educadora. Sejam as leituras, as vivências, os encontros mensais ou o próprio processo de escrita e sistematização, todos eles se somam e me ajudam a concluir a especialização muito mais sujeita e protagonista de minha própria história e consciente de por qual tipo de educação lutamos.

Contudo, termino essa pós com uma postura que é mais de inquietação e de provocação, do que de conforto e de estabilidade. Para citar Paulo Freire (1996, p. 63- 65) o que fica é “a inquietação de quem não se acha demasiado certo de certezas” e de quem sabe que as virtudes necessárias ao fazer docente e a transformações sociais que acreditamos ser possíveis pela educação serão alcançadas quando nos esforçarmos para diminuir cada vez mais a distância entre o que dizemos e o que fazemos enquanto prática.

No nível mais pessoal, destaco a importância de falar e perceber como o trabalho docente tem favorecido nosso adoecimento mental e o quanto a temática é pouco debatida entre os profissionais da área da educação, sendo tratada de maneira individual. No 2 capítulo, em que compartilho minha trajetória pessoal, destaco esse aspecto por perceber que um pouco de nosso descrédito em possíveis alternativas para a nova educação é justamente reflexo do estado de nossa saúde mental e o modo como nos afetamos pela ansiedade e o estresse que tem marcado nossa profissão. Dessa forma,

A falta de um coletivo que coopere e busque respostas enquanto coletivo de trabalho abre as portas à impossibilidade de dar sentido ao cotidiano e enfrentar serenamente os atritos pessoais, alimenta o isolamento e a apatia, fortalece a sensação de solidão e desamparo. Resumindo, cria as condições propícias ao adoecimento psíquico. (GENNARI, 2014, p. 4)

A ANE, os amigos que conheci e as ferramentas teóricas e práticas debatidas e vivenciadas nos projetos descritos nos capítulos anteriores me ajudaram a construir justamente esse sentido do cotidiano e de coletividade que tanto nos faz falta em nossa profissão. O autor ainda continua:

Nada indica que será um caminho fácil, mas ensinar começará a não ser sinônimo de adoecer quando a descrença e a resignação cederem o lugar à paciente construção de uma possibilidade de mudança. A saúde no trabalho docente não é e não será fruto da ausência de angústias e sofrimentos, algo impossível na vida humana, mas da cooperação que professores e professoras souberem desenvolver para enfrentar os desafios e superar as frustrações que a realidade se encarrega de renovar. (GENNARI, 2014, p. 6)

Outro aspecto importante de fechar este ciclo da especialização é dizer da alegria que é viver uma boa experiência na UFPR e inserir meus alunos, mesmo que tão me fez sentir a necessidade de estudar mais e de ocupar os espaços de pesquisa e de produção do conhecimento. Neste sentido, Bell Hooks (2013) aponta:

Mas aqueles entre nós que vem da classe trabalhadora não podem deixar que o antagonismo de classe nos impeça de adquirir conhecimento, progredir na carreira acadêmica e gozar de aspectos satisfatórios do ensino superior. O antagonismo de classe pode ser usado construtivamente, não para reforçar a noção de que alunos e professores originários de classes trabalhadoras são corpos estranhos e intrusos, mas para subverter e desafiar a estrutura vigente. (HOOKS, 2013, p. 243)

Sobre a ANE, após fazer parte de todo o ciclo da segunda turma, posso dizer que fico bastante agradecida e feliz pela intensidade que foi fazer parte dessa especialização. Ela contribui para construir pontes e diálogos, reunir pessoas e ampliar nosso repertório, nossa visão de mundo sobre o que é a educação e de que forma ela pode ser usada como ferramenta de transformação social.

Após a breve contextualização do surgimento das universidades brasileiras, com base em Castro (2005) pude compreender as raízes que permeiam a luta pela democratização do acesso e como os cursinhos populares são ações coletivas que podem ser entendidas como movimentos sociais e com Mendes (2009) destacar como permanece acesa a crítica ao exame de vestibular e sua estrutura excludente. Seu conteudismo intensifica o que a educação tem de mais tradicional, que é a educação bancária e construir na prática alternativas para uma outra forma de preparar para a vida universitária nos parece o desafio central encontrado enquanto educadora popular no Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde.

Ver esses educandos do Cmei inseridos na UFPR Litoral serve de combustível para manter inflamada a educação popular e reconhecer a necessidade de continuidade da luta para que, assim como eles, outras possam seguir o mesmo caminho.

REFERÊNCIAS

- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 20. ed. São Paulo: Libertad, 2010c
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GENARI, Emílio. **Quando ensinar é adoecer**. 2014.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.